

Alice no país das adaptações

Natália Elisa Lorensetti Pastore¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Lewis Carroll nasceu na Inglaterra no ano de 1832 e, até seu falecimento, no final do século XIX, fez muitas contribuições relacionadas às suas áreas de interesse. Poeta, romancista, matemático e tendo a fotografia como hobby, Carroll escreveu obras que são referência para a literatura até os dias atuais, propiciando discussões sobre as variadas facetas de suas produções.

O livro *Alice no País das Maravilhas*, talvez sua obra mais conhecida, teve sua primeira edição publicada em 1865 e até hoje conquista o público das mais diversas idades. A história, narrada para uma menina chamada Alice, filha de um amigo, conta a história de uma garotinha que é transportada para um novo mundo, onde ocorrem muitas aventuras: ela muda de tamanho, conhece criaturas incomuns e passa por diversas outras situações inusitadas até, de repente, retornar para casa.

Tal obra é tida como um exemplo da literatura nonsense, sendo Carroll considerado um dos pais deste estilo na época vitoriana. Repleta de personagens excêntricos, enigmas para interpretar e instigando o imaginário de cada leitor, *Alice no País das Maravilhas* é até hoje estudado no âmbito acadêmico, além de ser um grande sucesso comercial, com diferentes adaptações e reedições passíveis de serem encontradas.

Possivelmente, as mais conhecidas dentre suas adaptações cinematográficas devem ser o desenho lançado pela Disney em 1951, voltado principalmente ao público infantil, e o filme do cineasta Tim Burton, de 2010, que traz situações que remetem a continuação do livro, *Alice Através dos Espelhos*. Porém, em 1988, o cineasta tcheco Jan Svankmajer adaptou a história com um surrealismo mais sombrio, onde a ideia do ‘maravilhoso’ como ‘bonito’, ‘encantador’, é desconstruída.

Na adaptação tcheca, ao compararmos com o livro, e com as adaptações citadas acima, algumas diferenças podem ser destacadas, como o fato de Alice não entrar por um buraco atrás do coelho, mas dentro de uma gaveta. Também, pode-se enfatizar o fato de o

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: natalia.e.pastore@gmail.com.

coelho ser empalhado, e precisar de um alfinete para se manter inteiro, ou a lagarta ser feita de uma meia e até Alice, que vira uma boneca de porcelana quando encolhe. Tais características colocadas pelo cineasta, junto a outras peculiaridades, reiteram a interpretação que o mesmo fez da história. A menina é a intrusa em um mundo totalmente estranho e sem sentido, incapaz de se comunicar e compreender as regras do local, enquanto nos outros filmes, e no livro, os personagens interagem com Alice e a ajudam a se adaptar ao País das Maravilhas.

Pode-se notar que, comparando as três adaptações cinematográficas, cada qual possui uma visão, uma aura diferente, mesmo que a inspiração seja a mesma. No livro *Uma Teoria da Adaptação*, escrito por Linda Hutcheon e traduzido por André Cechinel, a autora discorre sobre o que seria uma adaptação. De acordo com ela, adaptações “têm uma relação declarada e definitiva com textos anteriores, geralmente chamados de ‘fontes’” (HUTCHEON, 2011, p.24), uma vez que os adaptadores “fazem seleções que não apenas simplificam, como também ampliam e vão além” (HUTCHEON, 2011, p.24). Adiante, a autora resume o processo de adaptação em três pontos: “Uma transposição declarada de uma ou mais obras reconhecíveis; um ato criativo e interpretativo de apropriação/recuperação; um engajamento intertextual extensivo com a obra adaptada” (HUTCHEON, 2011, p.30, grifo da autora).

Neste sentido, argumenta-se que adaptações não são inteiramente fiéis a suas fontes, visto que a intenção é reproduzir e não replicar.

O que a autora traz é exatamente o que vemos nas adaptações citadas anteriormente, principalmente na do cineasta tcheco. Enquanto muitos podem entender que Alice estava apenas sonhando, Svankmajer parece ter interpretado suas aventuras como um pesadelo, onde os ambientes são escuros, objetos tomam vida para representar os animais e a movimentação dos personagens não parece natural. Comparando o filme ao livro de Carroll, a história se mantém sem muitas digressões, porém sua construção sombria diverge de tal modo com o livro, que a primeira sensação que o público pode ter é que tal adaptação talvez não seja aconselhável a um público mais jovem, como a da Disney ou a de Tim Burton.

O choque inicial dado pela desconstrução do mundo maravilhoso de Alice, pelos olhos do cineasta tcheco, também faz parte do que seria uma adaptação (HUTCHEON, 2011, p.231). Desestabilizando a identidade que se costuma pensar a respeito da obra de Carroll, de que ela é alegre e divertida, Svankmajer reproduz a história de modo inovador, possibilitando ao espectador uma nova visão da história, além de contribuir para sua

difusão. Deste modo, vale ressaltar que adaptações não são apenas para fins de entretenimento, mas também “representa[m] o modo como as histórias evoluem e se transformam para se adequar a novos tempos e a diferentes lugares” (HUTCHEON, 2011, p.234), assim como Alice, que cresce ou diminui quando necessário.

REFERÊNCIAS

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Lewis Carroll. *eBiografia* [site] Disponível em: https://www.ebiografia.com/lewis_carroll/. Acesso em: 27 mai. 2019.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: EDUFSC, 2011, 279 p.

MARCELLO, Carolina. Livro Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll. *Cultura Genial* [site]. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/livro-alice-no-pais-das-maravilhas-lewis-carroll/>. Acesso em: 27 de mai. 2019.